

ENCONTROS ETNOGRÁFICOS COM NEUSA CAVEDON

Maria Tereza Flores-Pereira¹

INTRODUÇÃO

É interessante receber um convite para escrever neste dossiê em homenagem à Professora Neusa Cavedon no mesmo mês que, repensando meu futuro no campo do ensino e da pesquisa, escolhi fazer uma disciplina como aluna ouvinte no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi em março de 2019 que iniciamos os arranjos para montar este dossiê, sendo esse o mesmo mês no qual iniciaram as aulas da disciplina Teorias Antropológicas II. Coincidência? Sim e não. Talvez um acaso temporal, mas certamente não uma coincidência de conteúdo.

Se em 2019 estou retornando ao Campus do Vale da UFRGS, para fazer aulas nessa pós-graduação é por que existe uma história que antecede esse desejo e essa disposição. Essa história está entrelaçada com o encontro que tive com a Profa. Neusa Cavedon especialmente nos anos de 2003 a 2007, quando fiz meu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da UFRGS. Mais do que um

¹ Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://lattes.cnpq.br/3020984778400499>. <https://orcid.org/0000-0002-5809-4922>. mtfpereira@ea.ufrgs.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração. Rua Washington Luiz, 855, Centro histórico, Porto Alegre, RS, Brasil. CEP: 90010-460. Telefone: (55 51) 33083850.

encontro com a Profa. Neusa esse é um encontro com a Antropologia e o fazer etnográfico, sendo que é sobre esses encontros que discorro neste texto. Para discorrer sobre esses encontros, entretanto, é indispensável apresentar algumas informações de um encontro ocorrido anteriormente que é o da própria Profa. Neusa com a Antropologia e o fazer etnográfico, na minha análise momento de origem deste próprio dossiê.

Quando uso a palavra encontro, e peço perdão por repeti-la tantas vezes, busco debater não apenas sobre as protagonistas (Profa. Neusa, eu, Antropologia, etnografia), mas primordialmente sobre as relações constituídas a partir dessas. É importante dizer, ainda, que a construção deste texto que fala dos encontros, das relações – daquilo que acontece no “entre” – não é de tão fácil execução, pois adota de maneira mais intensa as memórias de apenas uma das personagens, no caso, eu mesma. Nesse sentido, haverá uma abundância de “eu” na construção dos fatos e de suas interpretações, mas mesmo nessa situação buscarei sempre remeter ao importante papel que a Profa. Neusa – como professora, pesquisadora e orientadora – teve na construção desse “eu” sobre o qual escrevo aqui no texto.

Ainda com o intuito de reconhecer os limites deste texto, é importante dizer que após tantos anos foi necessário fazer um esforço para resgatar a memória desses encontros. Por certo haverá desacertos entre o ocorrido e o lembrado, algumas coisas eu omitirei, outras serão iluminadas, umas esquecidas, outras detalhadas. Talvez, ainda, eu romantize as cenas narradas, mas de certa forma essa romantização faz parte de um sentimento de gratidão que tenho com a Profa. Neusa e com o encontro que ela me proporcionou com essa área “tão instigante²” do conhecimento quanto é a Antropologia. Nesse sentido, gostaria que as leitoras e os leitores ponderassem que

² As aspas duplas foram colocadas para destacar que a expressão foi utilizada pela Profa. Neusa, sendo que na próxima seção detalharei o contexto no qual ela a usa.

não é minha proposta neste texto construir uma narrativa exata dos fatos, mas será possível construir uma narrativa sensível e honesta acerca desses encontros.

Além de retomar alguns dos encontros que a Profa. Neusa constituiu com o campo antropológico e etnográfico, este texto pode contribuir com a reflexão acerca do processo de aprendizagem do fazer etnográfico. Nesse sentido, organizei este artigo em duas seções, além desta introdução e da seção de fechamento. Na primeira, Os Encontros Etnográficos de Neusa Cavedon, eu apresento um pouco da história constituída entre a Profa. Neusa e o campo antropológico e etnográfico, a partir de sua formação acadêmica e de sua atuação como professora e pesquisadora. Na segunda seção, Meus encontros Etnográficos com Neusa Cavedon, escrevo sobre três momentos-chave do meu processo de aprendizagem acerca do fazer etnográfico (o primeiro diário de campo, a primeira relativização, o primeiro campo etnográfico), refletindo sobre esses a partir do encontro constituído entre eu e a Profa. Neusa. Na seção final, reviso os encontros narrados, assim como atento para uma maior amplitude de encontros constituídos com e a partir da Profa. Neusa. Analiso, ainda, que a soma desses encontros (que não param aqui, seguem em fluxo) proporcionou um admirável aprofundamento do conhecimento do campo da Administração em relação ao fazer antropológico e etnográfico.

OS ENCONTROS ETNOGRÁFICOS DE NEUSA CAVEDON

É difícil escrever sobre a Profa. Neusa Cavedon sem falar de sua íntima e intensa relação com a Antropologia e o trabalho etnográfico. Como havia comentado na introdução, não tenho como fazer um resgate exato dessa história, mas algumas afirmações são possíveis, partindo da minha convivência com a Profa. Neusa, da leitura de muitos de seus textos, de uma conversa informal com seu orientador no Mestrado e Doutorado da Administração, Prof. Roberto Fachin, de um texto lido sobre a história de

seu orientador na Antropologia, Prof. Sérgio Teixeira, assim como a partir de um olhar para o seu vasto currículo disponibilizado na plataforma Lattes.

Tudo parece começar quando, entre os anos de 1985 e 1986, o Prof. Fachin foi ao Canadá fazer um pós-doutorado, onde entrou em contato com uma literatura que trazia, para o campo da Administração, obras, conceitos e técnicas da pesquisa antropológica. Apesar de não ter intenções de trabalhar diretamente com as temáticas desse campo, o Prof. Fachin trouxe esses textos para o Brasil, pois sempre gostou “de coisas diferentes” e esse material, segundo ele, era muito diferente e interessante.

Enquanto isso, Neusa Cavedon fazia seu mestrado no PPGA da UFRGS (1985-1988) tendo nesse período feito contato com o material trazido pelo Prof. Fachin de sua experiência de pós-doutorado. O Prof. Fachin disse lembrar-se de Neusa ter se interessado pelo material, achando este também muito atraente. Esse interesse inicial da mestrande Neusa pelos textos evoluiu para a ideia de fazer uma dissertação no campo da Administração a partir de uma abordagem antropológica. Para a realização desse projeto o Prof. Fachin solicitou a participação de um professor da Antropologia da UFRGS para compor o papel de co-orientador, tendo sido o Prof. Sérgio Alves Teixeira convidado.

O Prof. Sérgio, importante destacar, teve um papel relevante na formação do campo da Antropologia no Rio Grande do Sul (RS), tendo sido professor da UFRGS de 1962 a 1997. Como professor dessa instituição atuou acadêmica e administrativamente para a consolidação do curso de Antropologia e nesse trabalho vivenciou diferentes fases da construção desse curso, incluindo a constituição da pós-graduação *latu e stricto sensu*, além do lançamento da revista Horizontes Antropológicos. O Prof. Sérgio demonstrou ter interesse pelas sociedades complexas urbanas, trabalhando especialmente (mas não apenas) com o Brasil. Disse ter se aproximado e privilegiado estudos de rituais (lembra de usar em uma disciplina *latu sensu* Van Gennep e sua obra ‘Os ritos de passagem’ e

Victor Turner com seu livro “O processo ritual”), fala de seu interesse nas festas do Rio Grande do Sul (citando estudos que fez sobre as festas da bergamota, do feijão, da melancia, da soja e da uva), assim como sua proposta de ministrar na pós-graduação *strictu sensu* as disciplinas Antropologia Econômica; Normalidade e Desvio Social; Símbolos, Rituais e Ideologias. O Prof. Sérgio contabiliza em sua carreira a orientação de onze dissertações, nove na Antropologia, uma no Planejamento Urbano e Regional e uma na Administração, sendo esta a dissertação da mestranda Neusa (Teixeira, 1997).

A dissertação construída a partir dessa conjuntura de orientação foi intitulada ‘As manifestações rituais nas organizações e a legitimação dos procedimentos administrativos’. Já nos agradecimentos temos uma pista da atração de Neusa pela Antropologia, pois designa esse campo do conhecimento como: “uma ciência tão instigante”. Tal dissertação foi estruturada a partir de quatro grandes capítulos dos quais o primeiro se concentra na apresentação da organização e de sua área de atuação, e os três seguintes exploraram diferentes e tradicionais temas do campo antropológico para pensar a organização estudada. O tema dos mitos, por exemplo, foi a base para pensar o processo de construção da imagem do falecido fundador da empresa para o público interno e externo. Já os ritos, os processos rituais e os ritos de passagem, foram empregados para pensar as ações da área de Recursos Humanos da empresa junto aos que lá trabalhavam. O material antropológico referente a celebrações foi utilizado para refletir sobre as festas e celebrações promovidas pela empresa, ou organizadas pelos trabalhadores. Todas essas análises teóricas e de campo se fecham em uma dissertação de mais de 300 páginas trazendo a alta contribuição de ser um trabalho antropológico e etnográfico denso sobre os processos administrativos e o campo das organizações (Cavedon, 1988).

Depois dessa primeira experiência com o campo antropológico o próximo passo da Mestre Neusa Cavedon foi fazer um novo mestrado, agora no PPGAS da UFRGS (1989-1992). Seu orientador foi o mesmo que havia sido seu co-orientador no mestrado da

Administração, o Prof. Sérgio Alves Teixeira. Sua nova dissertação, 'Navegantes da Esperança: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre', trabalha com a Festa dos Navegantes de Porto Alegre (RS), a qual foi estudada a partir da noção de rituais da Antropologia. Nos agradecimentos dessa dissertação Neusa Cavedon demonstra continuar entendendo a Antropologia como "instigante campo do conhecimento" (Cavedon, 1992). Entretanto, se na primeira dissertação Cavedon (1988) prioriza, em termos de ordem e espaço, os agradecimentos aos professores que a formaram no mestrado em Administração, nesta segunda dissertação a prioridade é dada aos informantes³ que a ajudaram a construir sua etnografia (Cavedon, 1992). Permito-me interpretar que essa mudança não é casual, pois parece demonstrar uma aproximação (ainda maior) de Neusa Cavedon com um importante esforço da disciplina antropológica que é conhecer, ter empatia pelo Outro⁴.

Em 1992 Neusa Cavedon começa a trabalhar como técnica administrativa na UFRGS e em 1993 torna-se professora da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). A então Profa. Neusa inicia seu doutorado no ano de 1995 no PPGA da UFRGS, novamente sob a orientação do Prof. Fachin. Defende sua tese em 2000 com o título 'Administração de Toga: desvendando a cultura organizacional da UFRGS e da UNISINOS', também embasada na Antropologia, mas ampliando suas leituras para a Psicologia, a Filosofia e a Administração. Segue trabalhando com a temática dos rituais, mas inclui a Teoria das Representações Sociais para pensar as culturas organizacionais dessas duas instituições

³ Utilizo aqui o termo 'informantes' referenciando o modo de escrita da Profa. Neusa em sua dissertação. É importante mencionar, entretanto, que tal vocábulo vem sendo substituído pela expressão 'interlocutores' nos trabalhos etnográficos mais contemporâneos. Tomando como base ideias do texto de Clifford (1998) podemos refletir que essa mudança decorre de uma compreensão de que o trabalho etnográfico se forma a partir de um terreno intersubjetivo sendo o texto cultural o resultado de uma relação dialógica ou, como resume Ingold (2017, p. 222), que estudar Antropologia é "estudar *com* as pessoas, não fazer estudos *sobre* elas".

⁴ Escolho o termo o Outro não com o propósito de me filiar a uma ideia de distinção fundamental entre o pesquisador e o Outro a qual pode levar a separações que carregam sentidos hierárquicos (Abu-Lughod, 2018). Entretanto, também não estou com isso negando existência de dinâmicas hierárquicas e de poder nessa relação. Escolho o termo o Outro, um pouco por uma comodidade de linguagem (Weber, 2009) na medida em que me permite apresentar de maneira simplificada a existência de pelo menos dois universos de significação (Da Matta, 1978), o do pesquisador e o do pesquisado, que interagem no processo de pesquisa etnográfico.

de ensino (Cavedon, 2000). Em 1999 assume como professora da Escola de Administração da UFRGS e assim intensifica suas atividades de pesquisa.

Já no ano de 2000, a Profa. Neusa inicia seu trabalho como professora da pós-graduação propondo e ministrando a disciplina Antropologia na Administração. Dá também início a uma sequência de projetos de pesquisa que visam a conhecer espaços de comércio e de convivência de Porto Alegre principalmente a partir do conhecimento produzido pela Antropologia e utilizando técnicas de pesquisa usuais do campo etnográfico, como a observação direta, o bloco de notas e o diário de campo⁵. Alguns dos lugares escolhidos pela Profa. Neusa para fazer suas pesquisas foram o Mercado Público (2000-2002), os negócios do Viaduto Otávio Rocha (2002-2005), as livrarias e sebos de Porto Alegre (2005-2008). A produção acadêmica desses projetos foi vasta, mas mais do que a publicação de artigos, capítulos e livros, outro papel da Profa. Neusa que desponta nesse momento é o de orientação e coordenação de grupos de pesquisa. É possível afirmar que nessa fase a Profa. Neusa se consolida como professora de pós-graduação, pesquisadora e orientadora de trabalhos que entrelaçam o conhecimento e as formas de pesquisa da Antropologia, com estudos e objetos empíricos do campo da Administração.

Conheci a Profa. Neusa em 2003 como aluna da disciplina de Antropologia na Administração, no contexto do meu doutorado (vou detalhar esse encontro na seção seguinte). No período em que convivi com a Profa. Neusa ela ocupava o papel de coordenadora e orientadora de pesquisa, primeiro do projeto do Viaduto Otávio Rocha e depois do projeto de livrarias e sebos de Porto Alegre. Lembro que mais ao final do meu doutorado Neusa me confidenciou estar com saudades de ter seu próprio campo, que sentia a necessidade de abrir um espaço em sua agenda para se recolocar em contato mais direto com a pesquisa, não ficando “apenas” no papel de coordenadora e

⁵ Para maiores detalhes acerca das técnicas, dos saberes e práticas da pesquisa etnográfica recomendo a leitura de Rocha e Eckert (2008).

orientadora. Imagino ter sido nesse contexto que seu próximo projeto, sobre o trabalho no Instituto Geral de Perícias (IGP) do Rio Grande do Sul, tenha se constituído em uma pesquisa na qual apenas ela tenha ido a campo, assim como ter sido a única autora das publicações decorrentes. Nessa época eu estava mais afastada da Profa. Neusa, já com o doutorado terminado, não tendo acompanhado de maneira tão próxima essa nova etapa de sua vida de pesquisadora.

Devido a sua alta produtividade, seria complexo e até mesmo cansativo falar de todos os estudos, orientações e publicações da Profa. Neusa. Além dos espaços urbanos e organizacionais estudados a partir desses quatro projetos de pesquisa citados, a professora Neusa trabalhou, a partir de seus muitos orientandos e parceiros de pesquisa, com questões de identidade, memória, corpo, artesanato, empresas familiares, circos, camelôs, espaços culturais e gastronômicos, para citar apenas uma parte. O saldo de seu trabalho é difícil de mensurar, pois ele continua em processo, seja por seus próprios trabalhos, seja pelos trabalhos daqueles que a partir dela se constituíram. Na próxima seção trabalharei como ocorreu o contato, o aprendizado e a continuidade do trabalho da Profa. Neusa em mim e em meus trabalhos buscando, assim, trazer um pouco dos detalhes e das emoções que envolveram meu encontro com a Profa. Neusa, com o campo antropológico e etnográfico.

MEUS ENCONTROS ETNOGRÁFICOS COM NEUSA CAVEDON

Nesta seção falo sobre o meu encontro com a Profa. Neusa e do entrelaçamento deste, com meu aprendizado sobre o campo antropológico e etnográfico. Para isso, me baseei no período de meu doutorado, refletindo a partir de três importantes momentos de meu processo de aprendizagem acerca do fazer etnográfico: o primeiro diário de campo, a primeira relativização e o primeiro campo etnográfico.

O primeiro encontro com o diário de campo

Era meu primeiro semestre do doutorado no PPGA da UFRGS quando me inscrevi na disciplina Antropologia na Administração coordenada pela Profa. Neusa, o ano era 2003. Até aquele momento eu não tinha curiosidade específica sobre o conteúdo oferecido pela disciplina, sendo que minha inscrição ocorreu apenas por esta ser da minha área de concentração. Na disciplina Antropologia na Administração tivemos contato com obras clássicas, textos sobre o fazer etnográfico e algumas etnografias sendo que todo esse conteúdo visava nos proporcionar uma compreensão sobre o campo de estudo e da pesquisa antropológica. A carga de leitura era grande, nos organizamos na forma de seminários apresentados pelas alunas e alunos e sempre havia debates regados a análises teórico-empíricas. Aquele conteúdo era todo muito diferente para mim (e acredito que para a maioria ali), mas perceptivelmente um campo pelo qual a Profa. Neusa transitava com tranquilidade.

A Profa. Neusa havia nos proposto como atividade final da disciplina a realização de um trabalho de inspiração etnográfica. Essa atividade visava a realização de um exercício prático das técnicas mais utilizadas e referenciadas nos trabalhos etnográficos, assim como o treino de refletir 'sobre' o Outro ou, como desloca Goldman (2006), construir um diálogo 'com' o Outro. Tal reflexão, sobre ou com o Outro, ocorreria a partir de um referencial epistemológico e metodológico que priorizasse a compreensão dos grupos sociais a partir de suas diferenças⁶, referencial este que poderia advir do material indicado na disciplina, assim como a partir de uma busca própria de nós alunos.

Para nos preparar para esse trabalho uma das preocupações da Profa. Neusa foi a de nos sensibilizar sobre os modos de registro das informações pelo pesquisador no

⁶ Goldman (2006, p. 164) refletindo sobre o que é, afinal de contas, a Antropologia, analisa que ao dedicar-se ao estudo da diferença essa disciplina sempre foi capaz de valorizá-la "sempre foi capaz de apreendê-la sem suprimi-la, pensa-la em si mesma, como ponto de apoio para impulsionar o pensamento, não como objeto a ser simplesmente explicado".

campo. Neusa já havia nos explicado o que era o bloco de notas, o que era um diário de campo, como esses se diferenciavam e como deveriam ser operacionalizados no contexto da pesquisa etnográfica⁷. Lembro da Profa. Neusa pedindo para lembrarmos nossa adolescência, do possível hábito que teríamos de registrarmos em um diário os acontecimentos do nosso dia, as pessoas, os eventos, as emoções e as sensações. Mas, será a visita de uma de suas bolsistas de iniciação científica (IC) à nossa sala de aula que me faz perceber com maior clareza o que seria na prática um diário de campo e, junto com isso, os possíveis modos de construção do conhecimento a partir desse.

A Profa. Neusa convidou uma de suas bolsistas IC para compartilhar sua experiência de campo em bares e lanchonetes do Viaduto da Otávio Rocha, mais conhecido pelos porto-alegrenses como Viaduto da Borges. A aluna bolsista era mais jovem que os demais que estavam na sala. Era a única aluna de graduação ali presente, sendo os demais mestrandos e doutorandos. A Profa. Neusa a apresentou para turma e explicou sobre o projeto e o campo de pesquisa em questão e disse que, a partir de seu convite, a aluna IC havia concordado em estar na nossa aula de Antropologia na Administração para compartilhar com a turma seu diário de campo.

Quando chegou seu momento de fala a bolsista IC baixou seus olhos e começou a ler o relato de um dia de sua observação a um dos bares do Viaduto Otávio Rocha. Já no início da leitura minha atenção foi totalmente tomada. O texto era diferente de tudo o que eu havia conhecido no campo da Administração, era intimista, detalhado, usava a primeira pessoa, falava do Outro, sem deixar de notar que havia uma relação dialética entre ela (a pesquisadora) e esse Outro (Rocha & Eckert, 2008). Falava da arquitetura, da estética do lugar, das pessoas que lá estavam, mas sem uma preocupação imediata com a explicação de quem eram ou o que lá pretendiam. A narrativa se concentrava

⁷ Para Rocha e Eckert (2008) o bloco de notas e o diário de campo são os principais instrumentos a partir dos quais o(a) antropólogo(a) anota suas experiências diárias no campo de pesquisa; suas emoções, sensações, aquilo que vê e ouve do grupo social estudado.

mais na descrição daquilo que faziam, como faziam e como ela, mesmo como pesquisadora, estava implicada na cena observada. Lembro-me da bolsista falando do cheiro do cigarro e da bebida alcoólica, de estar escurecendo (anoitecendo) e da sua percepção de que seria o momento de retornar para casa. Ela constrói uma descrição imagética de sua saída do bar ao registrar uma revoada de pássaros, talvez para marcar sua saída do ambiente circunscrito do bar para o vasto espaço da rua, no qual o céu aparece como limite. Ao final da leitura tenho forte lembrança da Profa. Neusa, mesmo com toda a discricção que lhe era peculiar, estar satisfeita com a leitura da bolsista e dela destacar a característica do estilo de escrita de um diário de campo (e até mesmo do texto etnográfico) que possibilitaria algo mais literário, um tanto diferente do modo de escrita predominante no campo da Administração.

Para mim, esse foi o dia mais marcante de toda a disciplina. A leitura desse diário me trouxe a percepção da importância do cotidiano da vida, seu detalhamento e da possibilidade desse modo de pensar as pessoas poder ser transposto para o campo da Administração. Junto a isso uma sensação de alívio, pois parecia ter (finalmente) encontrado o modo a partir do qual eu gostaria de conversar com o conhecimento em Administração: afetando e sendo afetado pelo campo, refletindo e desconstruindo a dicotomia sujeito pesquisador e objeto pesquisado, trazendo a dimensão corporal, emocional e estética para as análises.

Não saberia dizer se apenas o evento de leitura do diário de campo da bolsista IC foi o responsável por esse meu "acordar". Não posso esquecer que antes desse evento a Profa. Neusa montou um plano de aula, distribuiu textos, falou de maneira calma sobre o modo antropológico e etnográfico de pesquisar e que, talvez tudo isso, tenha me preparado para conseguir escutar e me identificar com aquele diário de campo. Mas posso também pensar de maneira invertida, que foi o diário de campo que me fez olhar para o campo da Antropologia não mais como mais 'uma' disciplina a ser feita para cumprir meus requisitos do doutorado, mas como 'a' disciplina a partir da qual eu

gostaria de refletir sobre o campo da Administração. Mais do que a aprendizagem sobre o que é e como se elabora um diário de campo, entendo esse momento com o meu primeiro encontro com o campo antropológico e etnográfico, assim como com a Profa. Neusa.

O primeiro encontro com a relativização

Após esse breve momento de epifania em relação à descoberta do campo antropológico, minha vida acadêmica voltou ao seu normal. As aulas do semestre foram se finalizando e a fase de elaborar os trabalhos das disciplinas se iniciou, entre estes o trabalho de inspiração etnográfica proposto pela Profa. Neusa. É importante fazer uma pausa aqui e explicar que até esse momento a Profa. Neusa não era minha orientadora. Eu havia entrado no Doutorado para pesquisar outro tema, com outro professor. A Profa. Neusa, portanto, era apenas a Profa. Neusa da disciplina de Antropologia na Administração e o desejo de aprofundar meus conhecimentos nesse campo do saber ainda não havia, vamos dizer assim, sido racionalizado.

Resolvi fazer o trabalho final da disciplina Antropologia na Administração com médicos hematologistas e oncologistas do Serviço de Hematologia e Oncologia Infantil do Hospital da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pois tinha uma pessoa muito relacionada a mim que lá trabalhava, além de eu ter curiosidade por esse grupo de trabalhadores. Viajei duas vezes para a cidade de Santa Maria e acompanhei a rotina desses médicos(as) durante três dias em seus diversos espaços de trabalho: ambulatório, internação e "QG" (termo êmico para designar o espaço onde fica a recepção aos pacientes, a sala do chefe do serviço, a sala de descanso da equipe e o laboratório de hematologia e genética). Além da observação da rotina desses(as) três médicos(as), realizei entrevistas com todos os(as) cinco médicos(as) hematologistas e oncologistas do serviço.

Trabalho de campo feito começo um esforço de refletir sobre o que havia no material registrado em diário que pudesse falar daquele grupo, daquele Outro e de seu trabalho. Nesse momento estava afastada da disciplina e da própria Profa. Neusa, ou seja, trabalhando no gabinete (Oliveira, 2006). Construí uma linha de reflexão desse campo baseada em categorias êmicas, as quais remetiam à elaboração de uma dicotomia na significação do resultado do trabalho do médico(a) hematologista e oncologista: a possibilidade de manutenção da vida ou a ocorrência da morte dos pacientes. O primeiro resultado (vida) era o desejado e o segundo (morte) evitado e, quando o segundo resultado não era possível de ser evitado, os médicos(as) acionavam estratégias para esconder tal decorrência de si mesmos. Lembro-me de ter achado “muito fácil” escrever esse trabalho e fiquei me perguntando se eu havia feito o que era necessário ou até mesmo esperado pela Profa. Neusa para fins de obter um bom conceito naquela disciplina. Mas, como diz o ditado popular “feito é melhor que perfeito”, considerei meu trabalho pronto e fiz a entrega do relatório.

Após algum tempo dessa entrega, a Profa. Neusa chamou os alunos da disciplina separadamente para dar retorno sobre os trabalhos. Fui, sem muito saber o que esperar, mas certamente curiosa. Foi nesse retorno da Profa. Neusa sobre o meu trabalho que eu entendo termos tido o “nosso” primeiro encontro, não mais um encontro entre professor e aluno de uma disciplina, mas um encontro de afinidades sobre um determinado modo de escrever e de pensar sobre si mesmo e o Outro. A Profa. Neusa disse que havia gostado muito do meu trabalho, tirou algumas dúvidas sobre a relação que eu tinha com a minha informante principal, assim como perguntou se eu gostaria de aprimorar com ela o texto e pensar em uma futura publicação. Fiquei empolgada, é claro, e a partir desse encontro a possibilidade de mudar os rumos do meu doutorado começaram a tomar uma dimensão mais concreta.

O segundo semestre de 2003 transcorreu, novas demandas surgiram, e o projeto de melhoria do texto dos médicos hematologista e oncologistas ficou relativamente

parado. Foi no terminar deste semestre que o desejo de mudar de campo de estudo e de pesquisa se tornou mais forte e no início de 2004 procurei a Profa. Neusa com a proposta de ela me orientar no doutorado. Algumas negociações foram feitas e ficou então estabelecido, ainda no primeiro semestre de 2004, que eu seria orientada pela Profa. Neusa. Para isso se efetivar, entretanto, eu fiquei encarregada de apresentar um novo pré-projeto de doutorado ao programa de pós-graduação.

Refletindo conjuntamente de que havia uma possibilidade de seguirmos pesquisando a área da saúde fui incentivada pela Profa. Neusa a fazer uma disciplina no PPGAS da UFRGS, que se chamava Antropologia do Corpo e da Saúde. Um dos objetivos de cursar essa disciplina seria me aprofundar nesse campo de estudo de modo a trazer esse conhecimento para pensar a questão do trabalho e das organizações de saúde no contexto de minha futura tese. No curto prazo, o objetivo de fazer essa disciplina era conseguir mais subsídios teóricos e reflexivos para terminar o artigo dos médicos Hematologistas e Oncologistas. Entretanto, neste momento eu quero destacar outro aprendizado que tive no decorrer dessa disciplina que foi a ideia-valor antropológica da relativização (Oliveira, 2006).

Já havíamos trabalhado na disciplina da Profa. Neusa sobre a origem e a compreensão acerca do relativismo cultural que se refere, na análise de Oliveira (2006, p. 33) “a uma atitude epistêmica, eminentemente antropológica, graças à qual o pesquisador logra escapar da ameaça do etnocentrismo”. Uma compreensão não etnocêntrica do Outro, por sua vez, significaria não deixar que os juízos de valores do próprio pesquisador “persistam ao olhar o Outro evitando a armadilha de ver o Outro com os valores de uma sociedade tão distante que gere e reproduza o preconceito” (Rocha e Eckert, 2008)⁸. Nesse sentido, fomos alertados pela Profa. Neusa que na perspectiva antropológica os grupos socioculturais não devem ser classificados e hierarquizados a partir de atributos qualitativos (melhor, pior, mais forte, mais fraco, mais ou menos

⁸ Arquivo eletrônico sem paginação.

desenvolvido, entre tantos outros), mas sim compreendidos a partir de sua alteridade e historicidade.

Além dessa compreensão teórica sobre o relativismo, o próprio modo de agir da Profa. Neusa em sala de aula lembrava alguns pressupostos da ideia-valor antropológica do relativismo cultural. De maneira geral entendo sua postura em sala de aula como pouco hierárquica, o mínimo necessário para ocupar o papel de professora. Sentava em roda junto a todas e todos, privilegiava a fala das alunas e alunos e não a sua, ria junto com o grupo, escutava muito, falava pouco e, quando falava, não era para trazer uma grande verdade ou um fechamento heroico do conteúdo; parecia falar com o intuito de compartilhar sua percepção sobre o texto, o tema ou o debate, como alguém que “apenas” leu e praticou mais sobre aquele assunto do que nós, as alunas e os alunos. Todos esses ensinamentos da Profa. Neusa em relação à relativização se acumularam e, juntamente com as leituras e os debates da disciplina de Antropologia do Corpo e da Saúde, permitiram eu fazer o meu primeiro exercício de relativização.

No início desta seção eu comentei que havia me chamado a atenção o modo dicotômico pelo qual os médicos hematologistas e oncologistas refletiam sobre o resultado de seu trabalho: a manutenção da vida ou a ocorrência da morte dos pacientes. No trabalho final entregue à Profa. Neusa eu havia feito um breve exercício de interpretação ao ligar a ideia da manutenção da vida do paciente a algo do campo do desejado e a ocorrência da morte do paciente como algo a ser evitado. Entretanto, minha análise parava nesse ponto, pois para mim era natural e certo que viver era bom e morrer era ruim, ou seja, eu havia descrito as categorias êmicas, mas eu ainda não as havia relativizado.

Foi no contexto de leitura de um texto sobre a questão social da morte na disciplina de Antropologia do Corpo e da Saúde (Lock, 1996), que me dei conta que morte e vida não eram conceitos absolutos. Para serem plenamente compreendidos, deveriam ser

pensados à luz do tempo, do espaço e das singularidades do grupo que os está significando. Foi nesse contexto que transformei, uns poucos parágrafos de explicação sobre as significações atribuídas pelos médicos ao seu trabalho, em uma sequência de seções que analisaram: a significação da morte a partir de recortes espaciais (Estados Unidos e Japão) e temporais (Idade Média e Modernidade), o significado de ter câncer no contexto da sociedade Ocidental Moderna, o papel dos médicos, da medicina e dos Hospitais nessa relação da vida e da morte dos pacientes (Flores-Pereira, Cavedon & Mazzilli, 2005).

Porém, antes de fazer a escrita detalhada dessa ideia de relativizar o conceito de vida e morte e falar sobre como uma significação específica recai na experiência de ser médico hematologista e oncologista, fui conversar com a Profa. Neusa sobre a minha minúscula vitória (Da Matta, 1978): a compreensão de que vida e morte não eram apenas eventos biológicos, mas também eventos sociais e, por isso, com significações e práticas relativas ao grupo sociocultural que os vivencia. Quando terminei de explicar para ela de maneira ingenuamente pedagógica sobre o caráter relativo das coisas, algo que hoje percebo ela já sabia, escutei a seguinte frase em tom de alegria e acompanhada de uma risada: “Estás virando uma antropóloga!”.

O primeiro encontro com o campo etnográfico

Já tendo avançado a escrita do texto dos Médicos Hematologistas e Oncologistas comecei a conversar com a Profa. Neusa sobre a futura tese, eu estava em meu terceiro semestre do Doutorado e precisava reencontrar uma temática devido à troca de orientação. Em uma conversa inicial havíamos considerado fazer a tese no campo da saúde, seguindo a linha do trabalho dos médicos. Mas no andar do semestre comecei a me questionar se não seria o momento de fazer mais uma “virada”, uma vez que trabalhar com a área da saúde seria de alguma maneira manter uma conexão com o meu passado familiar e de trabalho. Comentei com a Profa. Neusa esse incômodo, ela

entendeu e me disse para eu terminar o trabalho dos médicos e, feito isso, “acabar” essa minha relação antecedente com o campo da saúde. Ela sugeriu, então, que eu escrevesse a tese sobre algo novo para mim.

Conforme havia anteriormente comentado eu tinha até o final do primeiro semestre de 2004 para entregar o novo pré-projeto ao meu programa de pós-graduação, e enquanto decorria o semestre eu seguia fazendo as disciplinas de doutorado, inclusive a disciplina Antropologia do Corpo e da Saúde. Foi quase em uma das últimas aulas desta disciplina que tive a ideia de um possível projeto de tese. A partir da compreensão de que o corpo era um objeto não apenas biológico, mas também um objeto sócio-histórico-cultural-político e que, por isso, seria possível utilizar o corpo como um dispositivo empírico para a interpretação e crítica da cultura e da sociedade na qual habita (Flores-Pereira, 2010); perguntei-me se seria possível compreender e problematizar a(s) cultura(s) de uma organização (cultura organizacional) a partir da leitura dos corpos de seus trabalhadores. Conversei com a Profa. Neusa e a Profa. Ceres, uma das professoras encarregadas da disciplina de Antropologia do Corpo e da Saúde, sobre essa minha ideia e ambas compreenderam que isso seria material interessante para uma tese no campo da Administração.

A escolha do lugar no qual realizar minha pesquisa conciliou com uma demanda da Profa. Neusa e uma experiência de compra que havia tido em uma livraria de *shopping center*, que aqui denominarei como Ser Livro (nome fictício). A Profa. Neusa tinha a época um projeto vinculado à sua bolsa produtividade do CNPq que visava fazer pesquisas etnográficas em livrarias e sebos de Porto Alegre. Eu, por outro lado, achei interessante fazer o campo de pesquisa na livraria Ser Livro, pois em uma experiência de consumo havia sido atendida por um vendedor com um visual diferenciado para um atendimento de *shopping center*, em um contexto brasileiro/portalegrense dos anos 2004/2005. Somava-se a isso o fato dessa livraria ter construído em pouco tempo de

permanência em Porto Alegre (RS) uma grande clientela unindo a diversidade de seu acervo a uma proposta de atendimento competente, criativo e ágil.

A partir da escolha da temática e pensando o potencial futuro campo de pesquisa montei o pré-projeto para (re)apresentar ao PPGA, tendo o seguinte título “Corpos com significado: desvendando as culturas organizacionais de uma livraria de shopping center através da análise simbólica dos corpos de seus vendedores”. Quando leu pela primeira vez esse título a Profa. Neusa falou algo como “Que legal!”, demonstrando estar empolgada. Essa empolgação me surpreendeu, tendo ficado muito claro o quanto ela gostava de sua área de pesquisa e de ver seus alunos e orientandos também se identificarem e se desenvolverem nela. A partir deste ponto da nossa relação, e deste texto, começo a chamá-la apenas de Neusa, pois nossos encontros começam a se tornar menos formais e mais baseados em uma relação de orientação e amizade.

Tendo sido feito e entregue o pré-projeto, passamos para as fases de defesa de ensaio teórico, de projeto e, finalmente, para a fase de execução da pesquisa de campo. De modo muito resumido esse momento da pesquisa contemplou a negociação com a empresa para a entrada em campo, a apresentação da proposta de pesquisa para os sujeitos com os quais conviveria em campo (especialmente os vendedores da livraria), a convivência densa (observação participante) com o campo, o bloco de anotações, o diário de campo, as reflexões iniciais entrelaçando teoria e material de campo, as entrevistas com os informantes e gestores e, enfim, a saída de campo para a escrita do relatório final (Flores-Pereira & Cavedon, 2009).

Os ensinamentos e o acompanhamento da Neusa foram essenciais, especialmente nessa fase de campo e de construção dos modos de vivência e de reflexão sobre o Outro. Ela me ajudou a pensar a entrada em campo, exigia muita disciplina na construção do diário (nunca deixar de fazer, escrever com o máximo de detalhe), ouvia minha narração sobre vivências do campo e fazia ponderações relevantes, que me

ajudavam a observar e pensar o Outro. Me ensinou, por exemplo, que ao invés de apenas perguntar, eu deveria observar; ao invés de apenas falar, eu deveria escutar (inclusive os silêncios); ao invés de focar na fala, eu deveria também sentir os cheiros e os gostos; ao invés do ímpeto de tentar entender a totalidade de um campo, eu deveria aceitar que apenas uma parte dele seria possível de acessar e que, ainda assim, teríamos um bom material para construção de uma etnografia.

Toda essa orientação gerou uma experiência de campo de seis meses. Ganhei um crachá e a autorização para ficar no salão de vendas junto aos vendedores, caixas, compradores e seguranças, além de poder frequentar os espaços internos destinados a todos os funcionários. Comecei também a interagir com o grupo de vendedores, em espaços fora da organização, como nos momentos de alimentação, festas e de saídas para beber cerveja, falar da vida e do trabalho na livraria. Experimentei a sensação de dor nas pernas de trabalhar em pé, mas aguardei o tempo necessário para perceber se essa dor também era sentida pelo outro. Mudei minha ornamentação corporal a partir da vivência com esse campo, mas aguardei para entender se isso era algo que também acontecia com os informantes. Comecei a sentir necessidade de comer comidas mais “pesadas” (para conseguir ficar tanto tempo em pé), mas aguardei para intuir se isso era algo que também ocorria com meus interlocutores. Acho que aprendi com a Neusa que nós somos o ponto a partir do qual o campo é visto (ouvido, sentido, cheirado etc.), mas que é principalmente para uma melhor compreensão do Outro, da diferença que estamos lá.

Ao final desse intenso campo de pesquisa fui para fora do Brasil para o meu doutorado sanduíche. Por um contexto específico da época e de meu campo (bastante claustrofóbico, na minha perspectiva) escolhi fazer meus diários em cadernos físicos, que me permitissem uma mobilidade pela cidade. Quando fui viajar para o estágio de doutorado sanduíche ainda não havia passado os diários para o editor de texto e precisava carregar os cadernos de campo comigo. Fiquei preocupada que algo

acontecesse no decorrer da viagem, algum extravio que acarretaria a perda total de seis meses de campo de pesquisa. Resolvi, então, tirar uma cópia de todos os cadernos, encadernar e deixar a cópia desse material para alguém de confiança, alguém que entendesse a importância e o cuidado que deveria se ter com aquele material. Certamente essa pessoa deveria ser a Neusa, a pessoa que tinha sido minha interlocutora em muitos primeiros encontros de minha vida de pesquisadora, com a Antropologia e o trabalho etnográfico.

SOBRE ESSES E OUTROS ENCONTROS ETNOGRÁFICOS

Foram muitos os encontros descritos nesta homenagem. O do Prof. Fachin com textos que traziam a Antropologia para os estudos em Administração. Os encontros de Neusa com o Prof. Fachin, com esses mesmos textos, com o Prof. Sérgio Teixeira, com a Antropologia e a etnografia. Além desses encontros de origem, exploro o meu encontro com Neusa e com esse campo “tão instigante” do conhecimento. Falando dos meus encontros antropológico-etnográficos, relembro do meu primeiro encontro com o diário de campo, com a ideia-valor da relativização e com o trabalho de campo etnográfico. Ao falar desses meus encontros, espero ter contribuído com a reflexão acerca do processo de aprendizagem e de acúmulo de saberes acerca do fazer etnográfico.

Não falei, entretanto, de tantos outros encontros constituídos a partir da Profa. Neusa. Os encontros com seus outros orientandos, alguns dos quais também escrevem neste dossiê, os encontros com professores parceiros, alunos de graduação, de pós-graduação e tantos outros que não terei como aqui elencar. Não falei, ainda, do trabalho atual de seus orientandos como professores, pesquisadores e orientadores, os quais guardam saberes – do fazer etnográfico, do amor pela cidade, da prática de (micro)resistências ao produtivismo acadêmico, da desconstrução de posturas sociais de dominação e subordinação, da interação da Antropologia com o campo da arte, do

valor epistêmico da memória e da oralidade, entre outros tantos – que seguem alimentando o fluxo de outras aprendizagens.

Por fim, relembro que trabalho a partir da palavra encontro para pensar a relação constituída, ou seja, o que acontece ‘entre’ as pessoas, os materiais, os conteúdos. Vimos neste texto que tais encontros proporcionaram um intenso aprofundamento do saber Antropológico e um volumoso treino do fazer etnográfico, para o estudo de temas como trabalho, gestão e sociabilidades. Além dessa contribuição mais direta para a disciplina administrativa, ao operar esses conhecimentos – que perpassam os campos representacional, estético e político – para estudar espaços históricos, públicos e culturais, os estudos e pesquisas propostos por Neusa ajudaram a dar voz a lugares usualmente pouco vistos e valorizados pela pesquisa tradicional em Administração. Podemos assim, então, refletir que os encontros constituídos a partir da Profa. Neusa geraram um relevante acúmulo de aprendizagens e saberes para o campo da Administração.

REFERÊNCIAS

Abu-Lughod, Lila (2018). A escrita contra a cultura. *Equatorial*, 5(8), 193-226.

Cavedon, Neusa R. (2000). *“Administração de toga”*: desvendando a cultura organizacional da UFRGS e da UNISINOS. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Cavedon, Neusa R. (1992). *Navegantes da Esperança: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Cavedon, Neusa R. (1988) *As manifestações rituais nas organizações e a legitimação dos procedimentos administrativos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Clifford, James (2002). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Da Matta, Roberto (1978). O ofício de etnólogo, ou como ter "*Anthropological Blues*". In Edson O. Nunes (Org.). *A aventura sociológica* (pp. 23-35). Rio de Janeiro: Zahar.

Flores-Pereira, Maria Tereza (2010). Corpo, pessoa e organizações. *Organizações & Sociedade*, 17(54), 417-438.

Flores-Pereira, Maria Tereza & Cavedon, Neusa R. (2009) Os bastidores de um estudo etnográfico: trilhando os caminhos teórico-empíricos para desvendar as culturas organizacionais de uma livraria de shopping center. *Cadernos EBAPE. BR*, 7(1), art. 10.

Flores-Pereira, Maria Tereza, Cavedon, Neusa R., & Mazzilli, Cláudio P (2005). O desafio de vencer a morte: as representações sociais dos médicos hematologistas e oncologistas. In Neusa Cavedon (Org.). *Representações sociais na área de gestão em saúde. Teoria e prática* (pp. 97-108). Porto Alegre: Dacasa.

Goldman, Marcio (2006). Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, 1(1), 161-173.

Ingold, Tim (2017). Antropologia versus etnografia. *Cadernos de Campo*, 26(1), 222-228.

Lock, Margaret M. (1996). Death in technological time: locating the end of meaningful life. *Medical Anthropology Quarterly*, 10(4), 575-600.

Oliveira, Roberto C. (2006) *O trabalho do antropólogo* (2a ed.). São Paulo: UNESP.

Rocha, Ana Luiza C. & Eckert, Cornélia (2008). Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras*, 9(21), s.p.

Teixeira, Sérgio A. (1997). Depoimento sobre minha vivência na Antropologia da UFRGS. *Horizontes Antropológicos*, 3(7), 276-314.

Weber, Florence (2009). *Trabalho fora do trabalho. Uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond.

ENCONTROS ETNOGRÁFICOS COM NEUSA CAVEDON

Resumo

Meu objetivo neste texto é discorrer acerca dos encontros de Neusa Cavedon com a Antropologia e a Etnografia, assim como o meu próprio encontro com Neusa e esses campos. Uso a palavra encontro, pois discorro mais sobre as relações constituídas do que sobre as protagonistas. Para a descrição desses encontros utilizo de modo mais volumoso as minhas próprias memórias, visto que sou simultaneamente autora e personagem deste texto. No decorrer da narrativa dos meus encontros – com o diário de campo, com a ideia-valor da relativização, com o campo etnográfico – viso também contribuir com a reflexão sobre o fazer etnográfico e seu processo de aprendizagem. Analisando, por fim, que esses encontros geraram um aprofundamento do saber Antropológico e um treino volumoso do fazer etnográfico, constituindo um relevante acúmulo de aprendizagens e saberes para o campo da Administração.

Palavras-chave

Antropologia. Etnografia. Neusa Cavedon. Administração.

ENCUENTROS ETNOGRÁFICOS CON NEUSA CAVEDON

Resumen

Mi objetivo en este texto es hablar de los encuentros de Neusa Cavedon con la Antropología y la Etnografía, así como de mi propio encuentro con Neusa y estos campos. Utilizo la palabra encuentro, porque hablo más de las relaciones establecidas que de las protagonistas. Para la descripción de estos encuentros utilizo de manera más voluminosa mis propios recuerdos, ya que soy a la vez autora y personaje de este texto. En el curso de la narración de mis encuentros – con el diario de campo, con la idea-valor de relativización, con el campo etnográfico – también pretendo contribuir con la reflexión sobre la creación etnográfica y su proceso de aprendizaje. Analizo, finalmente, que estos encuentros generaron una profundización de los conocimientos antropológicos y una formación voluminosa de la producción etnográfica, constituyendo una acumulación relevante de aprendizajes y conocimientos para el campo de la Administración.

Palabras clave

Antropología. Etnografía. Neusa Cavedon. Administracion.

ETHNOGRAPHIC MEETINGS WITH NEUSA CAVEDON

Abstract

My objective in this text is to talk about Neusa Cavedon's meetings with Anthropology and Ethnography, as well as my own meeting with Neusa and these fields. I use the word meeting, because I speak more about the relationships established than about the protagonists. For the description of these meetings I use in a more voluminous way my own memories, since I am both author and character of this text. In the course of the narrative of my meetings – with the field diary, with the idea-value of relativization, with the ethnographic field – I also intend to contribute with the reflection on the ethnographic fieldwork and its learning process. I analyze, finally, that these meetings generated a deepening of anthropological knowledge and a voluminous training of ethnographic fieldwork, constituting a relevant accumulation of learning and knowledge for the field of Administration.

Keywords

Anthropology. Ethnography. Neusa Cavedon. Management.

CONTRIBUIÇÃO

Maria Tereza Flores-Pereira

Contribuiu individualmente com o texto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola de Administração e ao Programa de Pós-Graduação em Administração da UFRGS por minha formação em nível de pós-graduação. Agradeço também ao CNPq pelas bolsas de doutorado no país e de doutorado sanduíche. Ambas as instituições valorizando a pesquisa e a educação pública, gratuita e de qualidade.

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

A autora declara que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora declara não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Flores-Pereira, Maria T. (2019). Encontros etnográficos com Neusa Cavedon. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(17), 861-887.